



SOBRE ÁGUA NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO

REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS DE CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO EM COMUNIDADE RURAL DO CARIRI PARAIBANO

Verônica Pereira de Medeiros¹, Suayze Douglas da Silva², Prof. Dr. Anieres Barbosa da Silva³

¹ Universidade Federal da Paraíba, email: veronicamedeiros.geo@hotmail.com

² Universidade Federal da Paraíba, email: suayzedouglas@hotmail.com

³ Universidade Federal da Paraíba, email: anieres@uol.com.br

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo tecer considerações sobre as práticas realizadas para a convivência com o semiárido na região do Cariri paraibano, tendo como recorte empírico do estudo a Comunidade Uruçú, localizada no município de São João do Cariri (Mapa 01). O interesse pela temática de estudo emergiu em decorrência da nossa participação no Programa de Bolsa de Iniciação Científica, cuja pesquisa estava direcionada para a compreensão das políticas públicas e tecnologias sociais para a convivência com o semiárido, tendo como referência as experiências de uso e manejo de água.

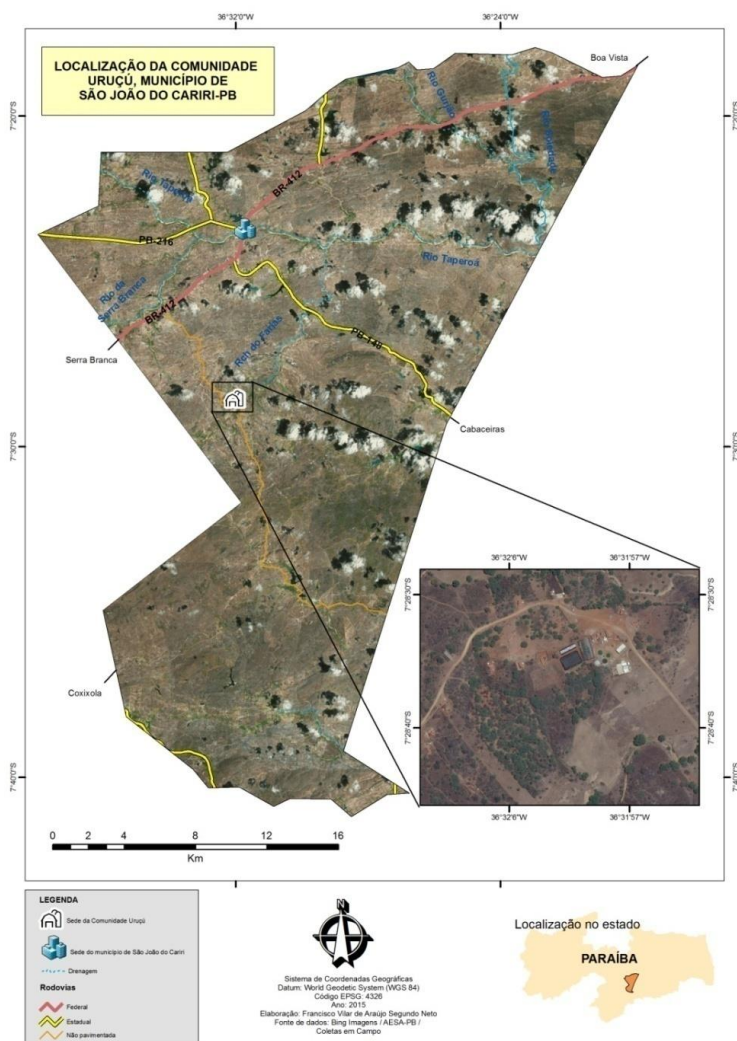
Durante décadas, essa região esteve afastada de ações e projetos que fossem capazes de aplicar um plano concreto de convivência com as áreas ciclicamente afetadas pela estiagem. Contudo, nos últimos tempos estão sendo realizadas algumas alternativas inovadoras direcionadas a convivência com o semiárido.





SOBRE ÁGUA NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO

Mapa 01 – Localização da área de estudo



O município de São João do Cariri, onde está localizada a Comunidade Uruçú, apresenta em seu conjunto de paisagens baixos índices pluviométricos, temperaturas médias elevadas em torno de 27°C, déficits hídricos acentuados, vegetação de caatinga hiperxerófila, ocorrência periódica de secas, limitações no uso do solo, os quais são rasos e muitas vezes apresentam alto teor de salinidade, além de baixa densidade demográfica. O município tem uma população de 4.344





SOBRE ÁGUA NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO

habitantes, dos quais 1.997 residem na zona rural (IBGE, 2010).

METODOLOGIA

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa foi realizada com base em levantamentos bibliográficos, coleta de dados primários mediante trabalho de campo – atividade que consideramos fundamental, pois o mesmo possibilitou conhecer de perto a realidade vivenciada pelos moradores locais, auxiliando numa melhor compreensão da temática de estudo – e secundários por meio de sítios eletrônicos, seguindo uma abordagem descritivo-reflexiva.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Seca, durante décadas, foi apontada como a grande vilã e vista como a única causadora de todo o flagelo no do Semiárido Nordestino, que por sua vez foi denominada de região problema para o desenvolvimento do país. Entretanto, nos últimos tempos estão sendo implantadas alternativas que vem contribuindo para desmistificar esse quadro, partindo do princípio de que a convivência com o semiárido é um caminho possível.

Compreendemos que olhar a seca puramente pelo seu viés físico, não é suficiente para entendermos seus efeitos na vida daqueles que a enfrentam. De acordo com Ferreira (1993):

Seca, no seu rigor léxico, significa estiagem, falta de umidade. Da chuva provém a água necessária à vida na terra. O problema das secas, assim encarado, simplesmente o problema d'água; isto é, do seu suprimento. Mas a palavra seca, referida a uma porção de território habitado pelo homem, tem significação muito mais compreensiva com efeito, o fenômeno físico da escassez da chuva influi no homem de uma região pela alteração profunda das condições econômicas que, por sua vez, se refletem na ordem social. Assim encarada, a seca é um fenômeno muito vasto, de natureza tanto física como econômica e social (SILVA, 1980 apud FERREIRA 1993, p.13).





SOBRE ÁGUA NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO

Segundo Rebouças (1997), que não acredita no determinismo fisio-climático, as condições que predominam no Nordeste brasileiro, podem, relativamente, dificultar a vida e exigir maior racionalidade na gestão dos recursos naturais em geral e da água, em particular, mas não podem ser interpretadas como a única culpada pela pobreza e pela cultura das secas na região Nordeste.

Lopes (2008) afirma, é preciso saber que é possível mudar para melhor as condições socioeconômicas principalmente da população rural a partir do uso e da incorporação de tecnologias sociais e práticas alternativas que permitam a convivência com o semiárido. Foi a partir desse entendimento que surgiram novas concepções e novos atores pautados por um olhar voltado as especificidades do ambiente, destacando-se as práticas de Organizações Não Governamentais (ONGs) como a Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA) e projetos como o Projeto Água: Fonte de Alimento e Renda - uma alternativa sustentável para o semiárido, que foi implantado na Comunidade Uruçú. O mesmo foi proposto pela Fundação Centros de Referência em Tecnologias Inovadoras (CERTI), patrocinado pelo Programa Petrobrás Ambiental e em parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

Em 2007, o projeto teve início com a perfuração de poços e a instalação do dessalinizador. Este se faz necessário, tendo em vista que a Comunidade está localizada em uma região que apresenta déficits hídricos acentuados e solos rasos em muitos casos com alto teor de salinidade. Conforme Aires (2014), para cada 100 litros de água “bruta”, isto é, água do poço que passa pelo processo de dessalinização, 40% torna-se apropriada para o consumo humano (sendo distribuída para a população), enquanto os 60% restantes torna-se ainda mais concentrada, ou seja, mais salgada, sendo então destinada a tanques onde ocorre a criação de peixes. Evidenciamos, portanto, elementos de uma produção sustentável e que considera a não agressão ao ambiente, caso a água com alto teor de salinidade fosse despejada diretamente no solo ou no riacho existente na





SOBRE ÁGUA NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO

Comunidade.

Em 2009, com o término da fase de projeto, apresenta-se a necessidade de institucionalizar-se, seja como associação, empresa ou cooperativa. Assim, em 2009, o Projeto Água deu lugar a Cooperativa Hidroçú com o objetivo de dar continuidade as atividades.

Outras ações relevantes foram a construção de estufas para a produção de alface utilizando a técnica de hidroponia – atividade que proporciona o aproveitamento sustentável e racional da água. Também, é importante destacar o plantio de pimenta (malagueta, cambuci e biquinho) iniciado em 2011, bem como, a construção da fábrica para o processamento da pimenta (produção de molhos). Os produtos são comercializados geralmente por meio de venda direta na feira da cidade de Serra Branca, também em lugares movimentados, como a praça, no município de São João do Cariri, onde também são fornecidos para minimercados. É importante destacar, que essas atividades, desde 2009, vêm sendo administrada por membros da Cooperativa Hidroçú.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compreensão de que o problema da seca está além das questões naturais e a atuação mais intensa de novos atores sociais, como ONGs, paróquias e outros representantes da sociedade civil, estão disseminando novas formas de pensar e agir no semiárido. A partir daí, diversas ações e alternativas foram adotadas no sentido de possibilitar a convivência com o semiárido, como as que foram enunciadas neste artigo.

As experiências realizadas na Comunidade Uruçú nos apresentam um semiárido diferente daquele que é comumente apresentado por determinados segmentos políticos, sobretudo nos meios de comunicação, tendo a seca como fator determinante de toda a pobreza da região. Tal fato nos estimula a continuar pesquisando e insistindo em compreender a maneira pela qual vem se estabelecendo a convivência com o semiárido.

Por fim, destacamos que as práticas desenvolvidas na Comunidade estão permitindo que as





SOBRE ÁGUA NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO

pessoas tenham melhores condições de vida. Se por um lado, a renda proveniente da produção na Cooperativa ainda é incipiente, por outro, consideramos expressivas as conquistas obtidas: redução das endemias, permanência da população no campo, inclusive dos jovens, e principalmente, certa autonomia para os cooperados que, apesar das dificuldades, conseguem se organizar e buscam formas de superá-las. Isso nos leva a acreditar que a convivência com o semiárido é possível desde que as ações a serem desenvolvidas tenham como premissa principal a diminuição dos efeitos da seca sobre a população, respeitando o meio ambiente e, conseqüentemente, contribuindo para a melhoria das condições de vida, sobretudo daquela parcela mais vulnerável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIRES, Alcimara Batista. **Gestão de Processos**: Estudo de caso na Cooperativa Hidruçú, em cidade de São João do Cariri – PB. Monografia (Graduação em Administração), UFCG, Campina Grande – PB, 2014.

FERRREIRA, Lúcia de Fátima Guerra. **Raízes da indústria da seca**: o caso da Paraíba/Lúcia de Fátima Guerra Ferreira – João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1993. 139p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Banco de dados. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/>. Acesso em 26/09/2014.

LOPES, Carlos Soares. **Tecnologias sociais**: experiências de uso e manejo de água em *território* Paraibano. Dissertação (Mestrado em Geografia), UFPB, 2008.

REBOUÇAS, Aldo C. Água na Região Nordeste: desperdício e escassez. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v.II, n.29, p. 127-154, Jan/abril 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v11n29/v11n29a07.pdf>>. Acesso em: 26/09/2014.

